Autor: JOÃO CARLOS BERNARDINO JÚNIOR
Orientador: DR. MILTON LUZ DA CONCEIÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ARQUITETURA E URBANISMO
TCC 2019.1

UM DESARRANJO BRAZILEIRO entre o MORAR e a HABITAÇÃO

Um estudo de como o modo de morar se desenvolveu subordinado à realidade habitacional brasileira.

Jaime Deus, Grupo de Jovens Sagrada Família, Pernambuco, 1960
DENNIS STOCK 1956

percepção do espaço

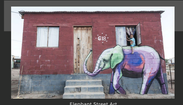
> É um erro agir como se os homens fossem uma coisa e sua casa, suas cidades, sua tecnologia, ou sua língua, fossem algo diferente.
>
> (Hall, 1966)

O ser humano, como outros seres vivos, possui extensões do seu corpo, criadas com o intuito de facilitarem a sobrevivência humana e posteriormente melhora-la.

O território seria a extensão humana primária que se desdobra no espaço físico e define como nos organizamos e nos apropriamos do espaço que vivemos e utilizamos. Através do tempo e da evolução humana, deixou-se de utilizar locais existentes, como cavernas, para delimitar nosso território e se iniciou um processo de criação de espaços, que a partir do abrigo primário de proteção se desenvolveu para funções variadas. (Hall, 1966).

Entretanto, em algumas situações essa suposta evolução se diluiu em alcançar outros objetivos que distinguem da função inicial de uma extensão, que era facilitar e qualificar a sobrevivência.

importância do lar



Elephant Street Art
FALKO ONE 2015

Através da fenomenologia existencialista se compreende o lar como único lugar onde o ser humano pode se fixar existencialmente e espiritualmente. Segundo Heidegger, essa existência é espacial, submetida a conceitos psicológicos, e não apenas dimensional e físico. (Cristina, C. Rodrigues, 2016)

O lar transcende o espaço edificado e a variabilidade residencial, tornando-se um conceito comumente necessário para o existencialismo humano.

The Annunciation of the Virgin Deal
CAVERON PEDRO 2013

O modo de morar, segundo Amos Rapoport, teria bases socioculturais relacionadas a valores compartilhados pelo coletivo criando um ideal habitacional específico de cada cultura.
Segundo o arquiteto Christian Schulz, o caráter do lugar doméstico é formado por coisas concretas, como lareira, mesa, cama, e são esses elementos básicos que o caracterizam e possibilitam que o indivíduo se projete a si mesmo no ambiente que o rodeia.
Essa relação entre o espaço existencial e o espaço construído residencial orienta o modo de morar de cada pessoa e seu comportamento doméstico diário.

o modo de morar

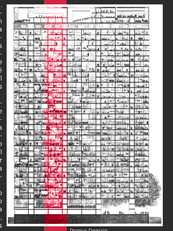
> uma casa não é casa se não tiver um canto para ler poesia, uma cama, uma banheira, uma cozinha...
>
> (A. RODRIGUES, 2008)

Em animais já se confirmou que é possível empilhar caixas de ratos, dando-lhes alimentação e mantendo a limpeza se garante a saúde do animal. Porém, discretamente, os animais se tornam ignorantes, um alto custo a ser cobrado pela nova organização de superencaixotamento. As abordagens habitacionais urbanas não divergem tanto dessa proposta e deveriam ser questionadas até que ponto a privação sensorial justifica o encaixotamento das pessoas.

O próprio Le Corbusier defendeu, perante seu contexto e limites, a necessidade de padronizar o modo de morar para permitir a padronização e replicação das residências como solução para o problema social de habitação, considerado por ele como o maior problema social do período que se encontrava.

Os arquitetos José Mellado e Luis García posicionam que o apelo genérico faz referência à homogeneização de valores, de atividades e espaços habitáveis, como modelo universal desprovido de elementos de referência. Pouco importaria quem seria o habitante, sua escala ou lugar de implantação, pois o desenho é resultado de valores globais.

felicidade é proporcional ao tamanho de um cômodo?



Domus Domain
YVES LION 1984

> Fileiras sucessivas de apartamentos, até as alturas, são menos desagradáveis de se olhar do que favelas, porém mais perturbadoras para se viver do que a maioria do que vem sendo substituído.
>
> (Hall, 1966)

habitação em série

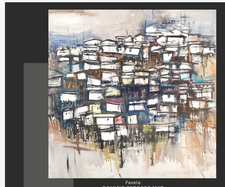
> a arquitetura atual tendeu a reproduzir uma visão mecânica e vazia de sentido, a um ritmo monótomo e obsessivo, transformando a casa num lugar desarticulado
>
> (Cristina, C. Rodrigues, 2016)

Há uma importante diferença entre um objeto industrial e artesanal perante controle do objetivo inesencial. Enquanto a indústria conseguiu tomar controle sobre a finalidade inessencial por intermédio de moda e marketing, o artesão ainda fica vulnerável a demandas e execuções individuais. Esse controle industrial do caráter inessencial facilita a produção em maior quantidade de um mesmo produto que sacia uma necessidade padronizada por essa indústria. Não é difícil perceber certa semelhança com o modo de morar padronizado pelo mercado imobiliário, que define e impõe a necessidade habitacional da população, oferecendo opções de adesão residencial dentro da amplitude de produção civil que prefere ofertar.

tecnologia e seu controle doméstico

Anúncio de Eletro domésticos Hotpoint sob valores de vitória, 1949

> O homem torna-se menos coerente que seus objetos. Estes o precedem de certa maneira na organização da ambiência e pois dominam suas condutas.
>
> (Braudillard, 1969)



Favela
DOMICIO PEDROSO 1987

habitação brasileira

O cenário brasileiro é imensamente variado e distribuído por seu território, sua vasta amplitude cultural criou um grande repertório arquitetônico que se manifesta de maneiras distintas sob influências diferentes em cada região ou até mesmo em cada cidade, situação atípica se comparado mundialmente.

Vauthier afirmou que quem viu uma casa brasileira, viu todas, mas negligenciou que há uma grande variedade na funcionalidade. A organização espacial e de partidos fica submetida a condições socioeconômicas e climáticas enquanto a exterioridade ainda é regida predominantemente por tradições construtivas.

Casa de Taipa (Taipa de Pilão) Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro
FERNANDO ANDRADE VASCONCELLOS 2016

salubridade da habitação

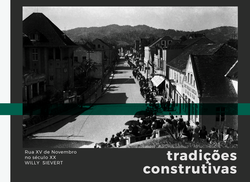
no Brasil, quantas pessoas vivem em casas precárias?

A precarização do espaço pode ser resultado de uma alta densidade espacial, que prejudica o comportamento e organização do indivíduo em sua habitação. Mas também de baixa qualidade construtiva, que através de pouco recurso financeiro, gera espaços residências com baixa salubridade.

No Brasil, há um foco das ações de habitações nacionais em construção de moradias, pois o país apresenta um déficit de 6 milhões de moradias. Porém há também um déficit qualitativo de 12 milhões de casas desqualificadas, com insalubridade. Iniciativas públicas e privadas, além de políticas habitacionais, estão sempre concentradas em construção enquanto o problema qualitativo fica abandonado.

A construção civil já é realizada em grande parte por amadores, em 2015 um estudo do CAU/BR-Datafolha concluiu que mais de 85% dos brasileiros constrói sem a supervisão ou auxílio de um profissional arquiteto ou engenheiro.

Começo do dia da familia,
Rio de Janeiro, 1961
GORDON PARKS 1961



Rua XV de Novembro
no século XX
WILLY SIEVERT

tradições construtivas

a cultura rege a habitação?

A ideia de iniciar uma nova civilização, introduzindo uma nova ideia de país tropical que daria oportunidade para uma releitura cultural e desenvolvimento de algo novo não era efetivo. Pelo contrário, a distância de seus países originários nuna nova realidade criou a tendência de fortalecer laços socioculturais. A forte influência de uma estética e construtibilidade italiana e açoriana prevaleceram, repetiando a potencialidade de se evidenciar a nova realidade sociocultural que o indivíduo agora estava.

> Se a abelha faz sua célula sempre igual, devemos reconhecer que a abelha usa o mesmo material para construí-la e viver apenas em determinadas condições climáticas. O homem não.
>
> (CECCHETO, 1998)

visitas residenciais

> É necessário entrar em outros domínios onde a racionalidade instrumental e objetivo científico não permitem. É necessário entrar no mundo da vida, vida cotidiana, mas ir além, através da crítica da vida cotidiana
>
> (Lefebvre, 1981)

Foi realizada uma busca em campo, para que, embasada pela realidade, torne possível encontrar realmente os conflitos, evitando especulá-los demasiadamente. O filósofo sociólogo H. Lefebvre também defendeu que o estudo da habitação deveria ultrapassar as amarras teóricas científicas.

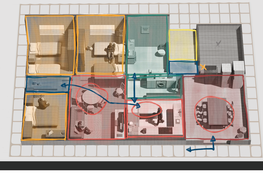
- quarto
- área comum
- área de serviço
- corredor
- área externa/jardim
- quarto visitas

LEGENDA ILUSTRAÇÕES

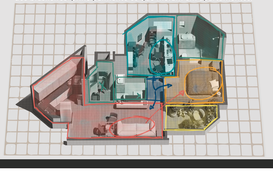
ÂNGELA, casa unifamiliar

A história de vida de Ângela retrata os desafios que boa parcela da população mais pobre enfrenta em um espaço pequeno, de maneira a não apenas usufruir de um bom planejamento arquitetônico mas complementá-lo com um modo de vida coerente com as necessidades e limites que um espaço reduzido cria, além de ser coerente com a realidade habitacional das novas gerações. Os cômodos do apartamento de Régis valorizam a criação de ambiência, incentivando a convivência, e principalmente evidenciando sua identidade, reflexo de seus moradores.

A redução dos espaços habitacionais não deve ser encarada como uma novidade na habitação humana, muito menos como algo inevitavelmente indesejável, entretanto, aceitar esse processo sem compreendê-lo, questioná-lo ou qualifica-lo é permitir que as regras do mercado capitalista decidam o modo de morar dos brasileiros, principalmente os que moram em apartamentos.



RÉGIS, apartamento em condomínio fechado



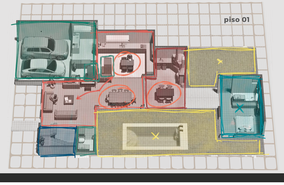
*apartamentos

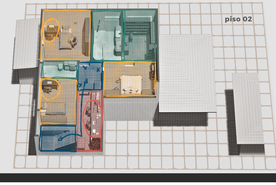
É imprescindível falar do Apartamento no âmbito habitacional, sua presença se tornou comum ou até prevalente no contexto nacional de grandes cidades. A evolução do apartamento brasileiro é regido pelo controle do programa de incorporadores que se atentam as leis do mercado imobiliário em detrimento dos usos e costumes determinados culturalmente. O conflito de interesses, bastante presente em habitações coletivas, acaba resultando em homogeneização de soluções que possam agradar a todos, tornando a organização espacial distante do desenvolvimento que se encontrou na evolução da residência.

ARTHUR, casa unifamiliar em loteamento

Os relatos da família demonstram a forte relação que uma casa pode possuir com seus moradores. Mesmo com um projeto coerente e ricas espacialidades, uma casa só se torna uma boa habitação através de seu cotidiano, sua utilização. A situação em que a família de Arthur se encontra evidencia como o momento familiar não está em sincronia com sua casa, pensada para outro momento da vida dos moradores. Além de problemáticas comuns como cômodos pouco utilizados ou individualização do lazer doméstico, as atividades se diluíram por um espaço muito extenso, distanciando os moradores e desqualificando seu cotidiano habitacional.

É muito comum encontrar diversas habitações que prendem o morador dentro de um vínculo afetivo que não o permite atualizar seu modo de morar, afetando sua saúde psicológica. Essa atualização do modo de morar não é restrita a um desenvolvimento pessoal, pois tecnologia, economia e aspectos sociais podem alterar as necessidades habitacionais de uma pessoa. Entretanto conseguir desenvolver uma consciência dessa evolução, sem se desvincular da casa como lar pode ser um grande desafio do século XXI.





GISELLE, casa unifamiliar

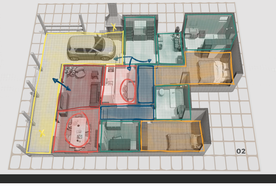
O cotidiano domiciliar de Giselle e sua filha Ana é muito próximo do modo de morar comum a muitos brasileiros, ou pelo menos, catarinenses. Entretanto, a história da aquisição da casa e sua evolução durante os anos apresenta trechos curiosos de resiliência familiar em relação ao espaço doméstico.

Por causa da urgência de presenças pessoais e venda do apartamento de onde moravam, Giselle optou por contratar uma empresa que apresentava um catálogo de casas pré-fabricadas, rápidas de construir e por um preço acessível ao bolso da família. Infelizmente, o projeto apresentado foi muito diferente do construído, com cômodos menores do que a expectativa, tornando necessário construir uma suíte extra quase que instantaneamente (01).

01

A insatisfação com a casa não se restringiu a construção do novo quarto, a cozinha e outro quarto também apresentavam ambiências limitadas pelas dimensões reduzidas, impedindo a realização de determinadas tarefas que acabaram por se transferirem para a sala. Apesar de ainda gerar incomodo, a maior apropriação da sala proporcionou maior frequencia de momentos em família, por se tratar de um cômodo comum (02).

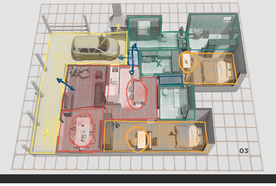
Apesar de possíveis benefícios em meio a algumas frustrações, os materiais utilizados se deterioram, sendo resolvido apenas com uma reforma geral, depois de duas décadas.



02

Essa reforma (03) permitiu redimensionar os cômodos da casa, que foram adaptados perante as atuais necessidades de Giselle e sua filha. A cozinha foi integrada com o corredor dos quartos, o quarto de Ana quase dobrou de tamanho, além de pequenos ajustes em cômodos de serviço.

Resta indagar se o tradicional uso da sala de jantar, com sua rica relação familiar é resistente o suficiente para sobreviver a expansão do quarto de Ana, que pode modificar novamente a dinâmica espacial da casa.



03